



JÂNIO QUADROS E AS INFLUÊNCIAS DE BANDUNG

ALBERTO DIAS MENDES*

INTRODUÇÃO

O Brasil da década de 1960, particularmente o ano de 1961, tem uma bela história a nos ensinar. Esse pareceu um ano que durou um século. Tomaram posse como Presidentes Jânio Quadros, no Brasil, e John Fitzgerald Kennedy, nos Estados Unidos. Cuba é invadida por contra-revolucionários treinados e armados pela CIA. A Alemanha é separada, no dia 13 de agosto, pelo famoso (e já derrubado) Muro de Berlim. O soviético Yuri Gagarin dá uma volta pelo espaço sideral e lança a União Soviética à frente do avanço tecnológico. A Conferência de Punta del Este no Uruguai aborta a tentativa de isolar Cuba, mas aceita a "Aliança para o Progresso", proposta por Kennedy. Sete meses após a posse, em 25 de agosto, Jânio Renuncia. Antes disso, comete o ato de maior repercussão da América: condecora Ernesto Che Guevara com a Medalha do Cruzeiro do Sul¹. Portanto, o que vou abordar está inserido nesse contexto.

O presente trabalho é parte integrante da tese de doutoramento, na qual discuto o período da década de 1960 "nas tramas da Guerra Fria". O objetivo com a apresentação é discutir o conturbado governo de Jânio Quadros, a partir das consequências da Conferência de Bandung (1955) e a preparação para a Conferência de Belgrado (1961). Procuo responder à questão sobre que influências a Conferência de Bandung exerceu sobre o governo brasileiro. Utilizo como referencial para a discussão da conjuntura mundial Eric Hobsbawm e Noam Chomsky. Sobre os aspectos relacionados com a América Latina, busco fundamentar a partir dos conceitos inscritos na Teoria da Dependência, sob o olhar de Rui Mauro Marini e Theotonio dos Santos. Sobre a influência dos Estados Unidos, a obra principal é de Moniz Bandeira. Com fonte primária sobre Bandung, utilizei a Revista Brasileira de Política Internacional e as coleções do Itamaraty, principalmente o Embaixador Bezerra de Menezes, que foi o observador brasileiro na reunião na Indonésia.

JÂNIO QUADROS E O DESEJO PELA LIDERANÇA

* Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre, doutorando do PPGH/UERJ.

¹ A medalha fora recriada por Vargas e foi idealizada para homenagear estrangeiros que tenham prestado "relevantes serviços ao país".



Jânio Quadros tinha consciência de que, após a Revolução Cubana, Fidel Castro surgiu como o principal líder latino-americano, com sua coragem, determinação, honestidade e credibilidade perante seu próprio povo. Nenhum líder das Américas tinha alcançado vitória tão significativa quanto o barbudo de Sierra Maestra. Fidel era cultuado em toda América Latina e respeitado pelos opositores, mesmo os que o odiavam. Che Guevara tinha liderança sob as camadas jovens e a população em geral.

No entanto, a Revolução Cubana foi tão bem organizada que Fidel e Che não disputavam a "simpatia das massas", mas revezavam uma espécie de paixão e utopia despertadas nos olhares dos cidadãos latino-americanos. Tiveram um aliado forte ao lado, que foi o declínio da política norte-americana. Os Estados Unidos não contavam com uma grande simpatia no meio popular, em parte por terem utilizado a bomba atômica contra pessoas inocentes, e também pela ascensão dos setores populares e do movimento comunista que intensificaram a propaganda anti-imperialista. No Brasil, o PCB encontrava-se na ilegalidade, porém havia tido as melhores votações de sua história. O trabalhismo, herdeiro de Vargas, ajudou a eleger João Goulart vice-presidente para dois mandatos seguidos, o primeiro com Kubitschek e, em seguida, com Jânio Quadros. Este último, apoiado pela conservadora UDN do ex-comunista Carlos Lacerda, teve seu vice, Milton Campos, derrotado por João Goulart (PTB).

Desde os tempos de escola, Jânio destacava-se entre os amigos. Sua liderança era natural e não era muito afeito a contra-argumentações. Até o próprio neto, no livro dedicado ao avô, narra as discussões de família, principalmente com a filha Tutu Quadros (QUADROS NETO, 1996). Jânio não era "louco" como alguns historiadores afirmam. Sabia muito bem onde queria chegar. O poder era o que ele desejava. As viagens que realizou foram fundamentais para consolidar no ex-presidente, a ideia de uma nação independente e soberana, mas anti-comunista, ele mesmo dizia.

Bandung e Belgrado: o mundo pede Paz e Liberdade

O tabuleiro político mundial passa a ser desenhado de forma diferente a partir de 1955, com a Conferência de Bandung, onde reuniram-se vinte e nove países que ficaram conhecidos como neutralistas ou não-alinhados. O conclave poderia ter passado mais despercebido pela América, não fosse a participação do Brasil, mesmo como observador daquele memorável episódio Histórico. Os desdobramentos foram mais intensos ainda, pois a segunda Conferência (considerada a primeira dos "não-alinhados") que ocorreu



em 1961, em Belgrado-Iugoslávia, contou com a participação de Cuba, cuja coordenação da delegação estava a cargo de Ernesto Che Guevara, que já desenvolvia a proposta da Tricontinental.

Não constitui objeto do presente estudo as Conferências de Bandung e Belgrado. No entanto, não há como deixá-las de lado, em função das consequências que elas proporcionaram. Minha tentativa foi demonstrar que Bandung e Belgrado foram relevantes para a História Política mundial, ainda mais no contexto da Guerra Fria. Dentre os principais fatores que corroboram a assertiva está o fato de que elas congregaram os países da África e Ásia, recém descolonizados. Simultaneamente, e mais relevante ainda, algumas dessas nações ágio-africanas assumiam o caráter socialista. Aqui reside o elemento fundamental, a recusa desses países em tornarem-se "satélites" de quaisquer das nações que disputaram o mundo a partir de Yalta.

Mesmo que já tenha sido, exaustivamente, discutido no primeiro capítulo, faz-se necessário acrescentar que, para a propaganda política anticomunista internacional, socialismo e comunismo são a mesma coisa. Do ponto de vista da estratégia de manter a opinião pública alheia ao significado real dos modos de produção (capitalismo, socialismo e comunismo) e suas características principais. Era (e ainda é) muito conveniente ocultar da população os conceitos elementares desses sistemas econômicos e suas representações na realidade.

Sendo assim, ao ampliarmos, para além das Américas, o cenário de disputa entre as nações, o discurso também modifica. Enquanto circunscrito ao continente americano, o discurso apresentava o capitalismo como o "reino da liberdade" e os Estados Unidos como seu exemplo mais promissor. Por outro lado, aqueles que divergissem de tais práticas opressoras, eram discriminados e execrados, como "comunistas", identificado com autoritarismo e totalitarismo². Ao elevarmos o debate a uma categoria macropolítica, a estratégia discursiva passa a abranger a luta entre o "Ocidente" capitalista libertário e o "Oriente", socialista totalitário (SAID, 2009).

A Conferência de Bandung, em 1955, é abordada nesse trabalho como um dos antecedentes fundamentais para a compreensão daquela atmosfera de 1961, objeto da

² No período da Guerra Fria disseminou-se um boato de que nos países comunistas a miséria era tão grande que até fazia-se canibalismo. Assim, criou-se a lenda de que "comunista comia criancinha". Essa era uma das táticas sórdidas dos setores capitalistas contra as oposições.



presente tese. Para tanto, buscarei abordá-la tomando como referenciais de contextualização as seguintes ocorrências históricas: o processo de independência das colônias ágio-africanas; a morte de Stálin e assunção de Krushev no comando da União Soviética; o receio da terceira guerra mundial como guerra nuclear; as estratégias de Rimland e Heartland para a Eurásia; e a articulação dos países ágio-africanos os latino-americanos, principalmente Cuba. Esses elementos combinados contribuem, efetivamente, para a compreensão das questões que encontravam-se no núcleo das disputas mundiais daquele período.

Quanto à Conferência de Belgrado, buscarei elucidar como ela se constitui na "Conferência dos Não Alinhados". Interessa, ao abordar essa reunião acompanhar o decurso histórico das movimentações cubanas e brasileiras, em torno de uma aliança mundial com os países identificados, naquela ocasião, como "Terceiro Mundo". Assim, Belgrado representou a consolidação do movimento iniciado em Bandung, com acréscimo de vários países que aderiram aos objetivos principais dispostos nos dez princípios do conclave na Indonésia. Uma das perguntas para a qual busquei uma resposta plausível é se *Punta Del Este* ocorreu em agosto para antecipar a proposta norte-americana e evitar que os países latino-americanos participassem de Belgrado.

Estávamos já acostumados com os noticiários internacionais que reforçavam a ideia de apenas dois polos mundiais em disputa. Como disse Chomsky, de quem o conceito de Guerra Fria como constructo ideológico está evidenciado em sua obra *Contendo a Democracia*, a imprensa dos Estados Unidos e seus satélites (como o Brasil) bombardeavam a população com informações de teor dualista. As manchetes traziam matérias que anunciavam um conflito mundial entre duas potências, União Soviética e Estados Unidos. Fazia [e ainda faz] parte da estratégia da imprensa criar uma espécie de duelo entre mocinho e bandido, no qual os EUA estão sempre na condição de vítima e a URSS no papel de agressor. Ainda conforme dito anteriormente, o que está registrado nos relatórios e discursos do Departamento de Defesa norte-americano, democracia e liberdade são qualidades do ocidente, enquanto do outro lado do mundo encontra-se o comunismo, numa associação completamente descabida.

A Conferência de Bandung promoveu uma ruptura nessa lógica dualista, estabelecendo um novo mapa da estrutura de poder e da relação entre os Estados constituídos naquele período. Todos os vinte e nove países que participaram como



membros da Conferência tiveram sua história caracterizada pelas lutas de libertação e descolonização. Defendiam a soberania e autodeterminação dos povos.

A conjuntura internacional, principalmente latino-americana, mas não exclusivamente, e os fatores internos já discutidos anteriormente, contribuíram para criar em Quadros uma perspectiva de assumir a liderança do continente. Ao retornar da Conferência de Bandung, em 1955, o observador brasileiro, Adolpho Justo Bezerra de Menezes, fez seu relato e apresentou todas as considerações sobre aquele conclave que reunira os países chamados de "não-alinhados"³, sob a liderança de Josip Broz Tito (1892-1980) (Presidente da Iugoslávia), Jawaharlal Nehru (1889-1964) (Presidente da Índia), Sukarno (1901-1970) (Presidente da Indonésia, a anfitriã) e Gamal Abdel Nasser (1918-1970) (Presidente do Egito). Realizada na Indonésia, a Conferência tinha como objetivo unir os povos dos países colonizados para traçar sua estratégia de descolonização. Bandung alterou, consideravelmente, o cenário mundial. Os vinte e nove países que participaram daquela conferência representavam, juntos, mais da metade da população mundial no período.

Em uma conjuntura mundial sob as tramas da Guerra Fria, o jogo de forças nos continentes fazia despontar novas lideranças em cada nação ágio-africana, com diferentes escopos ideológicos. Bandung procurou fugir à polaridade EUA X URSS propagandeada na América Latina, como se apenas essas duas nações comandassem as demais, que alguns autores denominaram "satélites". Após Bandung, a era dos Estados "satélites" estaria com os tempos contados. A segunda Conferência ocorreu em Belgrado, em 1961, recepcionada pelo Marechal Josip Broz Tito, então Presidente da antiga Iugoslávia.

No Brasil, foram variadas as repercussões da Conferência de Bandung. O Globo, nitidamente conservador, elegeu a China como bode expiatório e condenou sua participação no encontro, afirmando que era falso o gesto daquele país. Na edição do dia 16 de abril de 1966, página 05, diz o editorial em destaque: "A China em Bandoeng". Em seguida, a matéria vocifera:

Sabe-se qual foi o princípio fundamental dos países promotores da Conferência de Bandoeng nos convites que fizeram aos governos da Ásia e da África. Só foram convidados os governos efetivamente independentes e

³ Essa denominação de "países não-alinhados" só foi utilizada na Conferência seguinte, ocorrida em 1961, em Belgrado. Também ficaram conhecidos como países "neutralistas", denominação que



que não estivessem direta ou indiretamente ligados a qualquer potência imperialista.

Por isso mesmo, é equívoca a posição da China Vermelha na conferência asiática. A sua independência da Rússia Soviética é muito discutível e rigorosamente técnica, representando mais uma aspiração do Governo de Pequim do que uma realidade presente e perfeita. E a questão de saber de a Rússia Soviética é ou não uma potência imperialista, só poderá ser duvidosa para muito pouca gente.

Desse modo, a China vai a Bandoeng, reunião confessadamente anti-imperialista, como representante virtual de um imperialismo ainda mais perigoso, absorvente e tirânico do que qualquer outro que por ventura haja existido no mundo. Se os representantes dos outros países asiáticos desenvolverem a situação até o fim com coerência e coragem, a China se verá na Conferência não numa posição de hegemonia, mas na aflitiva situação de ter de prestar conta de seus atos e de esclarecer as suas intenções e as da sua parceira soviética.

O disfarce de campeão do nacionalismo asiático por tanto tempo envergado pelo Governo de Pequim já está a estourar pelas costuras. O próprio Nehru, tão absorto no seu messianismo asiático, que deixa de ver tudo mais, já deve andar inquieto com a proximidade chinesa das suas fronteiras no Tibé e na Indochina.

Talvez a conferência de Bandoeng, se Chou En-Lai resolver mostrar as garras que ainda esconde - por questões de tática, pois elas são absolutamente visíveis - talvez mostre a muitos asiáticos iludidos que a troca do imperialismo ocidental pelo oriental não é tão vantajosa quanto lhes pareceu.

As intenções de Jânio Quadros em tornar-se liderança latino-americana vêm de sua visita à Eurásia quando ainda deputado, o que ficou reforçado no ano eleitoral, 1960, quando esteve em Cuba e empolgou-se com os "barbudos" cubanos. Havia, porém, uma particularidade na personalidade de Jânio que ainda não foi estudada com profundidade e não foi, também nosso objetivo. Nem por isso, deve ser ocultado.

Tomemos Jânio como ponto de partida para traçar um paralelo com os demais líderes mundiais nos quais ele mesmo tentava espelhar-se. É inegável a existência de incontáveis diferenças. No entanto, chamo atenção para uma diferença em particular, exclusivamente por estarmos abordando uma temática no contexto da Guerra Fria, ou seja, com um viés militar. Eis a questão: Jânio não era militar. Nasser, do Egito, e Tito, da Iugoslávia, eram militares de carreira. Haviam lutado em guerras em várias ocasiões. Nehru e Sukarno, apesar de não militares, possuíam antecedentes em lutas de libertação nacional, com exércitos populares. O primeiro, com uma particularidade de ser herdeiro de Gandhi, com uma política pacifista, mas eficaz, dentro das especificidades daquele momento na Índia.



Na América Latina, Fidel e Guevara não eram militares. Che, inclusive, fora recusado no regime por conta de sua asma. No entanto, constituíram, eles mesmos, seu próprio exército, do qual foram Comandantes, e vitoriosos. No caso brasileiro, a participação no meio militar não é determinante, mas é um elemento de grande relevância para obter a "simpatia" das Forças Armadas, uma instituição-chave no "jogo do poder". A mão firme de Jânio, com seus decretos e "bilhetinhos" contrastava com ações simples enigmáticas como a de irritar seu principal opositor, Carlos Lacerda, no conhecido "episódio da mala"⁴.

Relação diplomática do Brasil com o mundo Ásio-Africano

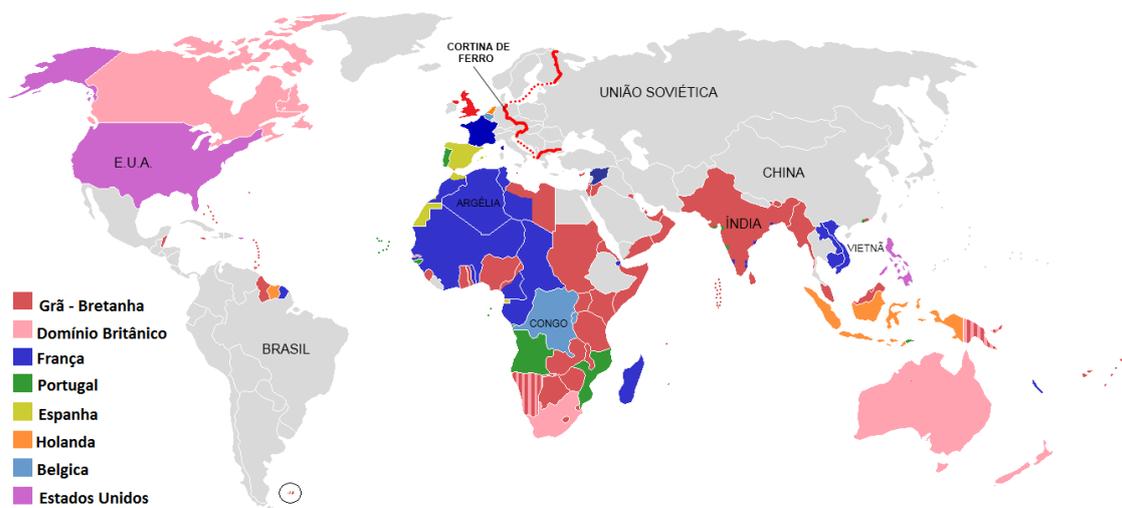
Os olhos de cada país sempre foram as suas embaixadas. Por elas passam as informações mais importantes e a partir delas são feitos os acordos, tratados etc. As negociações de paz ou declaração de guerra também têm uma influência dos representantes designados para cada missão. São todos os sentidos funcionando, permanentemente, para salvaguardar as estratégias das Nações. Por isso, a nomeação para o posto não é uma mera coincidência ou um simples ato de "agrado". Há que se conhecer bem do trabalho a ser realizado e desejar fazê-lo. Uma informação falsa ou equivocada por gerar, inclusive, uma guerra. Há registros históricos de tais situações.

A Conferência de Bandung, em 1955, deve ser compreendida em um amplo contexto geoestratégico. Ela ocorre dez anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, numa região conflituosa, em que todas as Nações presentes estavam em processo de independência política. Havia também observadores, como o Brasil. Mas, antes é preciso registrar a situação em que acontece tal conferência.

A característica principal discutida, exaustivamente, em relação aos países que participaram do primeiro encontro na Indonésia de Sukharno, é de estarem em processo de descolonização ou de conquista da independência.

Abaixo, temos a distribuição dos domínios coloniais sobre a África e parte da Ásia antes da Segunda Guerra Mundial:

⁴ Nesse episódio, Jânio havia combinado com seu mordomo e o então Ministro da Justiça, Pedroso Horta, que Lacerda não ficaria em Brasília naquela noite, anterior à renúncia. Ele pediu que entregassem para Lacerda a mala pertencente ao Governador da Guanabara, o que seria a senha para: "Não queremos que você fique em Brasília". Lacerda volta ao Rio furioso e faz a declaração de que um "golpe" estaria sendo gestado na Capital Federal. Jânio, segundo as fontes, teria ficado feliz porque seu desafeto fez exatamente o que era pra fazer. A previsibilidade de alguns políticos.



Note-se que há um predomínio de França e Inglaterra sobre o Continente africano e parte da Ásia, fruto ainda das distribuições realizadas no pós-Primeira Guerra. O centro econômico e financeiro mundial era a Europa. Após a Segunda Guerra, a economia mundial passa a ser ditada, predominantemente, pelos Estados Unidos da América. Isto em parte pela destruição dos países europeus que ocorre simultâneo ao crescimento da indústria norte-americana, intacta depois do segundo confronto mundial. As economias europeias praticavam com a África e Ásia uma espécie de "extrativismo", a exploração da mão-de-obra barata ou semi-escrava, com a importação de produtos primários para alimentar a indústria.

Os anos que sucedem a Segunda Guerra Mundial são considerados pelo Ocidente como da "Guerra Fria". No entanto, não foi somente o confronto bipolar URSS X EUA que marcou o período. Isto é o que a propaganda anticomunista buscou massificar nas consciências das pessoas, numa clara disputa pela *opinião pública*. Houve, nos países do chamado "Terceiro Mundo", uma verdadeira reviravolta.

Na América Latina, a ascensão dos regimes nacionalistas e com tendências de esquerda disseminaram-se pelo continente, principalmente por causa das crises econômicas porque passavam os países. A Revolução Cubana, triunfante em 1959, foi um catalisador das lutas e das futuras lutas anti-imperialistas no Continente, o que foi abordado em outro capítulo.

Por sua vez, a China, cuja revolução de 1949 liberta o país e adota medidas de construção do comunismo, fora o acelerador das lutas na Ásia e África. Esta última, por exemplo, registra, na década de 1960, os maiores movimentos de mudança do regime colonial (principalmente de domínio europeu) para o regime republicano. Em algumas nações, essas transformações foram reforçadas pelo movimento comunista internacional, o que influenciou para que nessas Nações os movimentos de



independência serem protagonizados por Frentes de Libertação ou Exércitos de Libertação (como Angola e Congo). Nesses países, os movimentos conseguiram sair do jugo colonial e capitalista ao mesmo tempo, uma conquista de grande relevância contra o imperialismo. Note-se que Bandung nasce da necessidade do mundo Ásio-Africano em desenvolver seus próprios métodos de crescimento e modelos de democracia, sem a interferência imperialista da bipolaridade União Soviética e Estados Unidos. Vejamos como ficou o mapa no pós-Segunda Guerra:



No ano em que Jânio Quadros e João Goulart venceram as eleições no Brasil, a África é varrida pelo ideal de liberdade. O processo de descolonização ocorre por meio de guerras locais, conquistas, tomadas de poder, com a constituição das Frentes de Libertação Nacional ou Exércitos de Libertação Nacional. Nenhuma mudança ocorreria por benevolência de qualquer classe social. A descolonização foi fruto da luta do povo africano, que se organizou e conquistou a própria liberdade, embora que tardia. A Ásia tomou o mesmo caminho. O que estava em jogo era o domínio dos meios de produção, cujo poder político é um elemento de grande relevância para o controle desses meios. Por isso, ao irromperem as lutas anti-coloniais, anti-imperialistas ou anti-monopolistas, os movimentos socialistas ou comunistas tornaram-se, na maioria dos casos, os protagonistas principais. Este foi um dos fatores principais que levaram os Estados Unidos a intensificarem a propaganda de que essas Nações eram satélites da União Soviética. Assim, poderiam lançar planos de ataques e de incentivo a golpes para depor os regimes "simpáticos" às ideias comunistas.

Segundo Curado (2014), "A competição global pela hegemonia sobre o Terceiro Mundo, portanto, cresceu ao longo de toda a década de 1950 e 1960, sendo a "cooperação ao desenvolvimento" um dos principais instrumentos para se "comprar"



aliados no formato Estado-cliente", ou seja, as estratégias dos países ditos "desenvolvidos" foi de disponibilizar recursos financeiros para as Nações sem um parque industrial autônomo ou tecnologia atualizada o suficiente para que pudessem desenvolver seus próprios projetos.

Dois casos, em particular, chamam atenção, por encontrarem uma interseção com o Brasil naquele momento histórico e contribuir com as problematizações que a presente tese apresenta.

O primeiro é o Egito, com Gamal Abdel Nasser, Coronel do Exército que lutou na guerra de independência do Reino Unido e França, primeiro presidente após a descolonização, governando até sua morte em 1970. O segundo refere-se ao Marechal Tito, da Iugoslávia, com quem há uma relação estreita do Brasil a partir da década de 1950, inclusive com o episódio do ingresso no Conselho da ONU, fato para o qual Brasil desempenhou um papel fundamental, como veremos mais à frente.

Em termos geopolíticos, é preciso compreender a Conferência de Bandung a partir de uma estratégia dupla. De um lado, os países envolvidos, buscando independência e desenvolvimento econômico. Do outro, os países dominantes daquele período, notadamente Estados Unidos e União Soviética, com a corrida armamentista e investimento no movimento expansionista. Cada um acusando o outro de incentivar a guerra e desobedecer os acordos internacionais. No entanto, os Estados Unidos são aqueles que registram, de fato, as quebras dos acordos internacionais⁵.

Bandung e estratégia geopolítica

Para melhor compreensão de qualquer acontecimento no palco internacional que se encaixa em categoria de geopolítica é preciso ver o contexto. O ano 1955 é bastante marcante. O mundo encontra neste momento numa bipolaridade muito forte. Alguns autores indicam que em 1948 durante a primeira crise de Berlim é declarada a Guerra Fria entre USA e URSS.

Diante disso, pode-se discutir a questão de Movimento dos Países não Alinhados. Este movimento apareceu num momento histórico propício, utilizando-se de uma "janela de oportunidade" histórica. Para quê? Principalmente para não ser dominado por ambas potências. Recordemos que dentro do movimento existem forças que ainda não eram capazes de competir no nível global, mas conscientes de seu próprio potencial, que em algumas décadas podem enfrentar o sistema de relações internacionais (o que vemos nos tempos atuais⁶).

⁵ Cf. CHOMSKY, N. *Contendo a democracia*. ; e BANDEIRA, L. A. M. *Brasil-Estados Unidos. A rivalidade emergente (1950-. 1988)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.

⁶ Veja-se caso dos BRICs.



Um dos teóricos desse movimento geopolítico e considerado pai da teoria da geoestratégia é o geógrafo inglês Halford J. Mackinder. Segundo o autor, há uma região no mundo, a Eurásia, onde estão concentradas as maiores riquezas mundiais. Ela também é estratégica para uma guerra convencional terrestre e marítima, já que permite às esquadras uma aproximação do continente, ao mesmo tempo em que coloca as forças terrestres em posição distante dos navios, com pouca possibilidade de abatimento das mesmas. O mapa de Mackinder seria o seguinte:



Por outro lado, o norte-americano Nicholas Spykman desenvolveu nova teoria para o controle da Ilha Mundo (A região de Eurásia), para quem é necessário controlar o assim chamado “Rimland”. A maioria dos países do movimento se encontra em Rimland, então eles são chaves para a disputa internacional entre dois grandes poderes. A seguir, podemos ter uma ideia, pelo mapa, do que seria o Rimland, uma estratégia de "contenção" baseada em dominar os países do entorno do Heartland, a fim de manter o controle da região, para que não houvesse nenhuma expansão. O desenvolvimento do sistema de aviação dos Estados Unidos foi fundamental, na estratégia militar, para dar maior exequibilidade a tal princípio.



Os países da Conferência de Bandung estão conscientes disso. Agora, agindo como bloco eles atingem duas estratégias principais: primeiramente maior segurança (precisamos lembrar que nesta época a possibilidade de guerra nuclear é iminente, logo evitá-la é uma questão de sobrevivência). Em segundo lugar, elevam sua posição de negociações com ambas potências. Em outras palavras qualquer coisa, realização de qualquer interesse pelos EUA ou URSS custará mais no caso de discutir com bloco do que com países de forma separada.

Novamente cabe sublinhar, estas são questões chaves para entender a criação do movimento, não a ideologia declarada. A ideologia de “terceiro caminho” é apenas a ferramenta para realizar os objetivos estratégicos. Entre os dez pontos de declaração do Bandung, a maioria reflete (nas entrelinhas) exatamente estas motivações.

Diferentemente dos conflitos da primeira metade do século, que confrontaram países imperialistas pela redivisão do mundo, o segundo pós-guerra coloca lado a lado dois sistemas políticos e econômicos, capitalismo e socialismo, numa rivalidade que acrescenta aos aspectos econômicos e militares a dimensão ideológica. A possibilidade de utilização de armas atômicas, disponíveis em ambos os lados a partir de 1949, confere a esse cenário características inéditas: o confronto militar entre os dois sistemas pode levar à destruição do mundo. Isso elimina a perspectiva de guerra total como fator de resolução de disputas pela supremacia mundial, obrigando a uma convivência que descentraliza os conflitos para pontos estratégicos em diversas partes do planeta (AYERBE, 2002:64-65).

CONCLUSÃO

A estratégia da indústria e das grandes corporações norte-americanas, traçada ainda nos primeiros anos da Segunda Guerra, foi criar um sistema econômico e



financeiro mundial que mantivesse o grau de dependência dos países "periféricos" ou "pobres". Para tanto, Breton Woods foi fundamental. Ali, reunidas as economias mundiais, representadas pelos seus governantes, definiram-se a criação dos principais bancos, como o Banco Mundial (Banco Internacional para a Reconstrução e Desenvolvimento - Bird) e o Fundo Monetário Internacional (FMI). Ao estruturar a economia mundial do pós-Guerra a partir de uma base em dólar, estaria caracterizada a supremacia econômica norte-americana, o que veio consolidar-se com o Plano Marshall, que injetou bilhões de dólares na Europa destruída pelo segundo conflito mundial. A partir de então, forma-se um grande mercado internacional, cuja centralidade encontrava-se nos Estados Unidos, representada por suas empresas controladoras desses mercados. Acostumados a romper acordos (BANDEIRA, 1990), os norte-americanos abandonam, na década de 1970, o padrão ouro e impõem o dólar como moeda de referência. Vários países aderem e inicia-se uma nova etapa da economia mundial.

O governo de Jânio Quadros estava consciente do que tinha pela frente em termos de alternativa econômica. Tanto que expediu medidas, como a norma 204 da SUMOC, que incidiu diretamente sobre a produção de café e cacau. Para Jânio, a saída apontada pelos países que se reuniram em Bandung era melhor. Ele manteria uma certa "neutralidade" continental, frente a EUA e URSS, além de continuar controlando o mercado, por conta da supremacia brasileira frente aos países latino-americanos, isoladamente. Ao mesmo tempo, sua Política Externa Independente criava condições comerciais de relacionar-se com todos os países que quisessem trocar com o Brasil, inclusive o mundo comunista, o que já entrava em choque com os norte-americanos. Estes buscavam impor uma política de boicote aos países alinhados à União Soviética ou Cuba (no caso continental).

Mais do que entender o governo de Jânio Quadros ou a Conferência de Bandung na forma particular, o importante é perceber as relações dialéticas que estabeleceram entre si, como forma de apoio mútuo, mesmo que da reunião o Brasil não tenha participado como membro. Somente o fato de estar presente já foi uma demonstração de, no mínimo, simpatia. Os ensinamentos desse período são imensuráveis. A historiografia ainda precisa dedicar-se mais às tramas que envolveram aquele período histórico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AYERBE, José Luiz. *Estados Unidos e América Latina. A construção da hegemonia*. São Paulo: UNESP, 2002, p. 64-65.



BANDEIRA, L. A. M. *Brasil-Estados Unidos. A rivalidade emergente (1950-. 1988)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil. O longo Caminho*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CASTRO, Josué. *Geografia da fome : o dilema brasileiro : pão ou aço*. Rio de Janeiro : Edições Antares, 1984.

CHOMSKY, N. *Contendo a democracia*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

CURADO, Pedro Rocha Fleury. *A GUERRA FRIA E A "COOPERAÇÃO AO DESENVOLVIMENTO" COM OS PAÍSES NÃO-ALINHADOS: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O EGITO NASSERISTA (1955-196)*' 06/05/2014 246 f. Doutorado em ECONOMIA POLÍTICA INTERNACIONAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca Eugênio Gudim - CCJE/UFRJ

HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos - O Breve Século XX (1914-1991)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MENEZES, Adolpho Justo Bezerra de. *O Brasil e o mundo Ásio-Africano*. Brasília: FUNAG, 2012.

RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: FGV, 2003, 2ª edição.

SAID, E. H. *Orientalismo*(1979). São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2009.

SANTOS, T. dos. et al. *Os impasses da globalização: hegemonia e contra-hegemonia*. São Paulo: Loyola, 2003.